



ACESSIBILIDADE EM EXPOSIÇÕES: MÉTODOS MEDIATIVOS APLICÁVEIS PARA A FRUIÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM EXPOSIÇÕES DE FOTOGRAFIA

Palavras-Chave: Acessibilidade, Fotografia, Mediação Cultural

Autora:

LUÍZA MAIA FUGIMOTO – UNICAMP

Orientador:

Prof.ª Dr.ª MAURICIUS MARTINS FARINA - UNICAMP

Primeiramente, há a necessidade de compreender a deficiência visual como um termo que abrange desde a cegueira total, onde o indivíduo não é capaz de captar a luz, até graus mais leves de perda de visão, onde o indivíduo pode apresentar noção de profundidade e capacidade de captar luz e texturas¹. Essa variação de acuidade visual, permite que haja outras formas de sensibilizar, em exposições de arte, o público com deficiência visual, que não seja apenas por métodos convencionais através do toque ou da descrição técnica de objetos e imagens. Métodos esses, que foram sendo adotados a partir de uma demanda da Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146, de 6 de julho de 2016, que assegura a pessoa com deficiência ao acesso à cultura, esporte, lazer e turismo.¹

Ainda com o respaldo legislativo, com o as normas da ABNT reservadas a acessibilidade e a Instrução Normativa nº1 redigida pelo Iphan de 2003², o público com deficiência visual ainda é muito distante dos espaços expositivos de arte, por não existirem métodos de mediação disponíveis para as pessoas com alguma deficiência sensorial, ou pelos métodos ainda serem muito monótonos e pouco trabalhados para o envolvimento do visitante às obras, como discorre Andreza Nunes Real da Cruz em seu texto Museu inclusivo para deficientes visuais: Arte através dos sentidos.

¹ BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**, Brasília,DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

² IPHAN. Nº 1, DE 25 DE NOVEMBRO DE 2003. **Instrução Normativa**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/>

Apesar do grande número de portadores de deficiência visual no Brasil, observa-se, de forma generalizada, resistência da parte do deficiente visual em visitar exposições e museus de arte, por considerar monótono e inadequado ser abordado da mesma forma que o visitante vidente, sendo muitas vezes repreendido por tentar um contato tátil com a obra. Essas experiências negativas mostram-se na verdade um bloqueio na construção de um caminho mediador entre este público e o acervo artístico. (CRUZ – p.1.)³

A partir das questões discutidas anteriormente, essa pesquisa busca suprir a demanda de métodos mais eficazes para a fruição de pessoas com deficiência visual em exposições de fotografia, e para a melhor escolha e aplicação destes métodos, é necessário analisar a perspectiva dos artistas cegos e a forma como estes se relacionam com a imagem. Após a leitura do texto “O Cego e a Luz” do fotógrafo Evgen Bavcar, entende-se um pouco mais o processo criativo do artista não vidente, desfoca-se o entendimento da obra enquanto objeto produzido, e passa-se a compreendê-la enquanto fenômeno. Seguindo o entendimento de Bavcar, ao passo que o real se entende de forma heterogênea às pessoas, a fotografia enquanto imagem não tem o objetivo de captura do real, mas sim de representar uma construção utópica de um conceito; esta maleabilidade do propósito da imagem permite o observador encontrar o conceito anterior ao objeto fotográfico de outras maneiras, além do uso absoluto da visão.

“...o artista é sobretudo o mediador entre as trevas do verbo, do fundo de sua cegueira, e a evidência concreta da imagem, tal como realizada na Arte através de um ou de outro suporte material. O verbo é, então, cego: ele fala-nos do lugar em que surge uma gênese primeira da imagem. É desse modo que, se queremos ir às origens das imagens visuais, nós chegamos forçosamente ao espaço do invisível, este do verbo, e à noite que precede o dia das figuras conhecíveis.” (BAVCAR)⁴

O conceito, a qual Bavcar analisa enquanto “verbo”, precede a imagem, e assim como existe o movimento verbo-imagem, há a possibilidade de retorno, de transpassar a

³ CRUZ, Andreza Nunes Real da. **Museu inclusivo para deficientes visuais: Arte através dos sentidos**. Universidade Cruzeiro do Sul, 2008.

⁴ BAVCAR, Evgen. **A luz e o cego**. In Artepensamento, org. Adauto Novaes, 461-467 São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

imagem e ir de encontro ao verbo. Esse fenômeno de retorno à escuridão é a base primordial que permite o visitante cego a compreensão da obra fotográfica, existindo quando o indivíduo ultrapassa ou é assistido a ultrapassar a captura, e adentra o verbo do artista. A fotografia exposta se comporta enquanto imagem para o observador vidente, lhe evocando uma resposta interna; a imagem se torna um gatilho de uma infinidade de reações no observador, ela é o guia para a experiência artística. Portanto, se a resposta do observador é tão parte da obra quanto o objeto fotográfico, e se o verbo que o antecede é invisível, a fotografia pode ser apreciada por visitantes cegos. E a partir desse entendimento, serão listados métodos de mediação já implementados por diferentes espaços culturais, que podem ser utilizados para compor as ações educativas de uma exposição, permitindo a ponte entre o visitante cego e a experiência artística da fotografia.

MÉTODOS E FERRAMENTAS MEDIATIVAS

1. Réplica tátil e maquete tátil

A transcrição da imagem em um objeto tridimensional é uma forma eficaz de passar informações visuais técnicas, contudo, a bidimensionalidade é uma escolha artística justamente pela forma como ela se comunica com os observadores. Retirar essa característica pode alterar o caminho proposto pelo artista, não sendo um método totalmente eficaz se não atrelado a atividades ou ferramentas que consigam evocar o verbo da obra. A maquete tátil é um método extremamente importante para localizar o visitante cego dentro do contexto de uma fotografia, porém há a necessidade de adicionar o sentido atrelado a bidimensionalidade, fazendo o uso de outras técnicas, como a mediação guiada

2. Acervo auditivo e leitura acessível

Um método muito utilizado em museus e espaços culturais são as adaptações de textos informativos em linguagem Braille, tanto nos informativos de obras, quanto nos catálogos impressos de exposições, e as letras aumentadas e de alto contraste, que atendem tanto o público com baixa visão, quanto o público com deficiência cognitiva. Assim como as maquetes táteis, este método se trata de um comunicador de informações técnicas, sendo imprescindível em um espaço cultural. Saber o contexto histórico e social

de uma obra é extremamente importante para seu entendimento, porém ainda não contempla o conceito artístico que o artista deseja passar. Um indivíduo que não utiliza a visão como sentido primordial não atrela a mesma importância aos detalhes de cor, composição e iluminação que uma pessoa vidente atrela, acarretando em uma falta de identificação com a obra quando ela é transcrita desta forma.

3. Explorando outros sentidos

Um dos pontos mais importantes para enriquecer a fruição dos visitantes em museus é a inclusão de métodos que explorem sentidos além da visão. O que difere o ser humano dos outros animais no entendimento da arte, não é a visão, mas sim o pensamento crítico, portanto, é possível ser sensibilizado pela arte sem o intermédio dos olhos. Compreendendo esse fator, surge a necessidade de implementar ferramentas de mediação que estimulem ou que transmitam a carga poética de um trabalho através de mais de um sentido isolado.

4. Atividades educativas

A presença de atividades educativas em um espaço cultural promove a fidelização do público, além de poder explorar mais os temas trazidos pelas exposições. Essas ações educativas ao atender as demandas da acessibilidade, promovem ações como a ocorrida em dezembro de 2015, que compôs a programação da Virada Inclusiva, onde O Núcleo de Ação Educativa da Casa Guilherme de Almeida e o grupo NIEDA (Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Design e Acessibilidade da FACAMP – Faculdades de Campinas), forneceram um curso gratuito que discutia o tema de acessibilidade buscando estratégias de mediação para idosos e pessoas com deficiência.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Clara de; CARIJÓ, Filipe Herkenhoff; KASTRUP, Virginia. **Por uma estética tátil: sobre a adaptação de obras de artes plásticas para deficientes visuais**. Fractal: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, Jan./Abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/index>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BAVCAR, Evgen. **A luz e o cego**. In Artepensamento, org. Adauto Novaes, 461-467 São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.

CANDLIN, Fiona. **Don't touch! Hands Off! : art, blindness and the conservation of expertise**. Body & Society, v.10, p.71- 90, 2004.

CRUZ, Andreza Nunes Real da. **Museu inclusivo para deficientes visuais: Arte através dos sentidos**. Universidade Cruzeiro do Sul, 2008.

GILBERT, Natalie. **See As No other: Blind Photography**. Disponível em: https://www.academia.edu/902145/See_As_No_Other_Blind_Photography. Acesso em 20 jan. 2021.

IPHAN. Nº 1, DE 25 DE NOVEMBRO DE 2003. **Instrução Normativa**. Disponível em: [https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=75637#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20acessibilidade%20aos,e%20outras%20categorias%2C%20conforme%20especifica.&text=c\)%20O%20limite%20para%20a,e%20da%20integridade%20estrutural%20resultantes](https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=75637#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20acessibilidade%20aos,e%20outras%20categorias%2C%20conforme%20especifica.&text=c)%20O%20limite%20para%20a,e%20da%20integridade%20estrutural%20resultantes).

JARDIM, João. **Janela da Alma**. Direção: João Jardim, Roteiro: Walter Carvalho. [S. l.: s. n.], 2001. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI

KASTRUP, Virginia. **A arte na construção de um mundo comum e heterogêneo**. Simpósio Internacional: formação de educadores em arte e pedagogia, São Paulo, p. 95-104, 2015.

KASTRUP, Virginia. **O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p. 69-85, 3º quadrimestre de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica>. Acesso em: 10 out. 2020.

LEIFER, Neil. **Luz Escura: a arte dos fotógrafos cegos**. Direção: Neil Leifer. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0RjOzdMwcrs>. Acesso em: 19 dez. 2020.

MAGALHÃES, Juliana de Moura Quaresma. **Acessibilidade tátil e a inclusão de deficientes visuais nos museus de arte**. Rio de Janeiro, 2012.

SÁNCHEZ, Noemí Peña. **Mirada invidente en ojos de artistas: Imágenes y Ausencias**. Facultad de Educación y Trabajo Social de la Universidad de Valladolid, 2012. Disponível em: <https://studylib.es/doc/5840296/mirada-invidente-en-ojos-de-artistas.-im%C3%A1genes-y>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SILVA, Kátia Ariane. **Acessibilidade para deficientes visuais: Um estudo nos museus de Belo Horizonte**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 91-113, Jan./Jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/index>. Acesso em: 7 nov. 2020.